

O CONCEITO DE MEMÓRIA NO ROMANCE A RAINHA GINGA, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Recebido em: 28/08/2023

Aceito em: 26/09/2023

DOI: 10.25110/educere.v23i3.2023-

Elce Nunes Nogueira da Costa e Nogueira ¹
Eleno Marques de Araújo ²
Avaetê de Lunetta e Rodrigues Guerra ³

RESUMO: Este texto busca apresentar as memórias que envolvem a personagem histórica rainha Ginga, soberana que viveu no século XVII na atual Angola e o seu legado, que se estendeu no tempo e no território, atravessando o Atlântico e sendo referência de lutas e de força menina no Brasil. O objetivo da presente pesquisa, será refletir sobre a importância da memória coletiva na construção da identidade de um povo e na compreensão de seu passado. Como resultado, Agualusa nos mostra que a memória não é apenas um mero registro do que aconteceu, mas sim um elemento vital que molda nosso presente e nosso futuro. "A Rainha Ginga" é uma obra que nos lembra da importância de preservar e valorizar nossa memória, pois é através dela que podemos aprender com o passado e construir um futuro mais consciente e significativo. A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica, utilizando como parâmetros obras de diversos autores, sobre a temática proposta, indexadas em plataformas educacionais, via web. Conclui-se que "A Rainha Ginga" é uma obra que nos lembra da importância de preservar e valorizar nossa memória, pois é através dela que podemos aprender com o passado e construir um futuro mais consciente e significativo.

PALAVRAS-CHAVE: Rainha Ginga; Memória; Romance.

THE CONCEPT OF MEMORY IN THE NOVEL A RAINHA GINGA, BY JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

ABSTRACT: This text seeks to present the memories that involve the historical character Queen Ginga, a sovereign who lived in the 17th century in present-day Angola and her legacy, which extended over time and territory, crossing the Atlantic and being a reference of struggles and strength girl in Brazil. The objective of this research will be to reflect on the importance of collective memory in the construction of the identity of a people and in the understanding of its past. As a result, Agualusa shows us that memory is not just a mere record of what happened, but a vital element that shapes our present and our future. "A Rainha Ginga" is a work that reminds us of the importance of preserving and valuing our memory, as it is through it that we can learn from the past and build a more conscious and meaningful future. The methodology used will be bibliographical research, using as parameters works by different authors, on the proposed theme, indexed in educational platforms, via the web. It is concluded that "A Rainha Ginga" is a work

¹ Mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL - UNEMAT). E-mail: elceletras@hotmail.com

² Doutorando em Ciências da Educação pela Universidad del Sol (UNADES).
E-mail: profelenoaraujo@outlook.com

³ Doutorando em Ciências da Educação pela Universidad del Sol (UNADES).
E-mail: avaete.guerra@gmail.com

that reminds us of the importance of preserving and valuing our memory, as it is through it that we can learn from the past and build a more conscious and meaningful future.

KEYWORDS: Queen Ginga; Memory; Romance.

EL CONCEPTO DE MEMORIA EN LA NOVELA A RAINHA GINGA, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

RESUMEN: Este texto busca presentar las memorias que envuelven al personaje histórico Reina Ginga, soberana que vivió en el siglo XVII en la actual Angola y su legado, que se extendió en el tiempo y territorio, cruzando el Atlántico y siendo referente de luchas y fuerza chica en Brasil. A través de la narración cautivadora y la vívida caracterización de los personajes, el autor nos lleva a reflexionar sobre la importancia de la memoria colectiva en la construcción de la identidad de un pueblo y la comprensión de su pasado. Agualusa nos muestra que la memoria no es solo un mero registro de lo sucedido, sino un elemento vital que configura nuestro presente y nuestro futuro. "A Rainha Ginga" es una obra que nos recuerda la importancia de preservar y valorar nuestra memoria, ya que es a través de ella que podemos aprender del pasado y construir un futuro más consciente y significativo.

PALABRAS CLAVE: Reina Ginga; Memoria; Romance.

INTRODUÇÃO

O conceito de memória é um tema recorrente na literatura, e no romance "A Rainha Ginga", de José Eduardo Agualusa, essa temática ganha destaque e profundidade. Nesta obra, o autor explora a importância da memória individual e coletiva na construção da identidade e na compreensão da história de Angola. O romance "A Rainha Ginga" se passa em dois períodos distintos: o século XVII, durante o reinado da rainha Njinga Mbandi, e a atualidade, em que um escritor angolano chamado José Buchmann pesquisa sobre a vida dessa figura histórica.

Essa dualidade temporal será retratada no presente artigo, abordando a memória de forma ampla, conectando o passado e o presente. No romance, a memória é retratada como um elemento fundamental para a compreensão da história e da identidade angolana. Através da figura de Njinga Mbandi, Agualusa mostra como a memória coletiva é transmitida de geração em geração, influenciando a forma como um povo se percebe e se relaciona com o seu passado. A metodologia utilizada será a pesquisa bibliográfica, utilizando artigos e materiais disponibilizados na web, para fundamentar o presente texto (GUERRA, 2023).

O estudo justifica-se, devido a importância sobre estudar sobre a Rainha Ginga, também conhecida como Ana de Sousa Nzinga Mbande, que teve papel significativo na história de Angola e do continente africano como um todo. Além disso, o estudo da

Rainha Ginga permite desconstruir estereótipos e preconceitos sobre a história africana, mostrando a complexidade e a riqueza das sociedades africanas pré-coloniais. Portanto, é fundamental que estudiosos, historiadores e todos os interessados na história global dediquem atenção e pesquisa a esse importante personagem histórico.

A pesquisa bibliográfica, é um recurso indispensável para a produção de conhecimento. Realizá-la de forma sistematizada e criteriosa é fundamental para evitar a falta de embasamento teórico em um estudo, bem como para contribuir para o avanço científico em diversas áreas. Ao utilizar as palavras-chave e seguir os passos adequados, é possível obter informações confiáveis e atualizadas, enriquecendo qualquer pesquisa e garantindo resultados profissionais e de qualidade (DE LUNETTA et al, 2023).

O principal objetivo do presente artigo, é analisar a incrível história da rainha Ginga, uma figura histórica que reinou no século XVII em Angola e deixou um legado que ultrapassou fronteiras, chegando até o Brasil, mencionando a influência que se estendeu muito além de suas fronteiras, em uma história de testemunho do poder feminino e da resiliência diante das adversidades.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este texto busca apresentar as memórias que envolvem a personagem histórica rainha Ginga, soberana que viveu no século XVII na atual Angola e o seu legado, que se estendeu no tempo e no território, atravessando o Atlântico e sendo referência de lutas e de força menina no Brasil.

Nesse sentido, é sabido que a memória de Ginga não está presente somente nos Congos, mas também em todo o Brasil, especialmente, para o povo negro, nas músicas, capoeira e na religião, sendo representada como Matamba no Candoblé (UNESCO, 2014).

É importante compreender como Ginga foi representada e interpretada ao longo do tempo, apontando-se não somente a respeito de sua vida e dos fatos históricos que ela protagonizou, mas a respeito da circulação de sua memória e da história do povo negro. A história de Ginga, por meio do olhar dos angolanos e seus descendentes, bem como pela obra de Agualusa (2015), traz voz aos monumentos, às músicas e a todos os movimentos construídos por eles e passados de geração em geração.

Desse modo, compreender como a história de Ginga gravou-se na memória, mente e corpo de muitos povos, como foi trazida para o Brasil e recriada a partir das dinâmicas escravistas, transcorrendo gerações e estando viva nos dias atuais, aponta para

questionamentos a respeito de quais aspectos foram reforçados, além de como a memória de Ginga auxiliou seu povo em diversos momentos.

Diante desses questionamentos, a literatura apresenta-se como ferramenta de suma importância, a qual segundo Carvalho (2016), é concebida como um campo favorável para a produção de fontes de conhecimento na sociedade humana. Na Angola, por exemplo, a literatura foi amplamente utilizada como "arma política", a fim de mobilizar a memória e ajudar na construção da identidade nacional, o que foi decisivo no curso da luta pela sua emancipação (FONSECA, 2018).

Fernandes (2016) aponta que, diversos autores chamam a atenção para a performance como realização plena da poesia, nas palavras do autor:

Isto é, o canto em sua função sapiencial, a transmissão de regras e etiquetas sociais por meio do poema, a construção da memória coletiva, a hierarquização e/ou demarcação de papéis sociais no grupo, hábitos e costumes religiosos etc (FERNANDES, 2016, p. 57).

Nesse aspecto, Fernandes (2019) afirma que identifica uma dependência recíproca entre os conceitos de performance, corpo-memória e de território, cuja relação coloca-se numa possibilidade de compreender o latino-americano da contemporaneidade, tal como os condutores de força que acionam sua condição.

Em suma, a performance apresenta-se como cultura, como o enquadramento de certo comportamento empírico do ser humano, o qual proporciona uma restauração da história um momento de atualização do texto e transição do oral para o escrito (DE LUNETTA, 2021). Já o corpo-memória diz respeito a tradução de um ato, em outras palavras, uma maneira de agir sobre o mundo, sua aceção não pretende dar conta do vasto conceito de memória, mas sim tomá-la como o momento de ação de uma força do passado sobre o presente, a qual traz outro significado para um acontecimento (FERNANDES, 2019).

Ressalta-se que, a crítica literária preocupa-se tanto com o que a linguagem literária faz quanto com o que ela diz, nas palavras de Culler (1999, p. 97) "A elocução literária também cria o estado de coisas ao qual se refere, em diversos aspectos [...] as obras literárias criam ideias, conceitos, que colocam em campo". Desse modo, a elocução literária, ao ser performativa, produz uma realidade histórica social, bem como auxilia na concessão da literatura como conhecimento ou ato (NOGUEIRA, 2023).

Para Culler (1999), o conceito de literatura como performance ajuda a defender a literatura, de modo que ela não é uma falsa proposição ou frívola, mas ela toma um lugar entre os atos de fala que mudam o mundo, a partir da criação das coisas que nomeia.

Segundo Candido (2006) o ambiente social deve ser uma ajuda para a criação narrativa, e não o contrário, assim, a literatura deve utilizar a análise de elementos internos para se relacionar com elementos externos que agregam valor compreensível à obra. Nas palavras de Candido (1995, p. 243) “a literatura confirma, nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas”.

Para Zumthor (1997), a lembrança do passado se apresenta como iniciação, que guia em direção às longas durações inerentes ao ser, não abolindo o que a reconstrução não aponte, mas sim, um modo, a partir da ajuda de línguas naturais, edificando passarelas entre um passado fantástico e o pobre presente, e entre o presente e o futuro, que só tem por fim, outro mundo. Nas palavras do autor:

A sociedade assim se protege. A poesia ergue, em torno da sensibilidade, da imaginação, da inteligência medievais, pára-choques para preservá-las das agressões do real: pela graça do esquecimento, ativo na matéria desses discursos, como um fermento. Dizendo-se pela voz de seus poetas, o homem desse tempo pede à linguagem uma defesa contra uma verdade que ele presente intolerável... como todas as verdades que concernem a seu destino: não apenas a verdade do passado, relativamente fácil de controlar e macular, mas a do futuro, que não se saberia encarar sem máscara. Na interminável viagem que conduz de uma à outra – a própria história de nossa consciência de ser homens – a poesia pertence a um pequeno número de atividades totalmente desinteressadas, improdutivas, apolíticas – parece-me porque fincadas no sonho de um anti-mundo em que toda palavra será verdadeira no esquecimento de tudo que não seja ela própria (ZUMTHOR, 1997, p. 34)

Nesse ínterim, Le Goff (1990) aponta um diálogo entre memória e história, afirma que ambas articulam-se em diferentes lugares e épocas, sendo a memória um componente essencial do que se costuma entender por identidade individual ou coletiva, no entanto, é também um objeto e ferramenta de poder, podendo ser manipulada e controlada por classes dominantes, que objetivam lembrar somente o que lhes interessa.

A Rainha Ginga tornou-se um modelo, o qual remete a um tempo fundador, que no caso de Angola refere-se ao tempo anterior à dominação portuguesa e tráfico negreiro. Para Fonseca (2018) A mitificação de figuras históricas expõe sua historicidade aos efeitos corrosivos do tempo.

Eliade (1972) afirma que a memória de um acontecimento histórico ou de uma pessoa real não dura mais do que dois ou três séculos na memória popular. Isso ocorre porque a memória popular tem dificuldade em reter eventos "individuais" e pessoas

"reais". Desse modo, a memória coletiva funciona através de diferentes estruturas, apontando categorias ao invés de acontecimentos; e arquétipos ao invés de pessoas e personalidades históricas.

Em *A Rainha Ginga*, é possível acompanhar processos históricos que a transformaram em uma lenda, um mito, que atravessa séculos incentivando criações identitárias e culturais. Desde o século XVII, as lutas da Rainha Ginga intrigaram os agentes europeus, que descreveram minuciosamente suas façanhas, muitas vezes apontando-a como uma mulher implacável e brutal.

Barbosa (2012, p. 151) aponta a rainha Angolana como parte integrante da “Memória Coletiva da Diáspora Africana” a qual “auxilia o povo afro-brasileiro a manter viva sua ancestralidade e a lutar contra o esquecimento de suas origens africanas.” A autora expressa o sentimento que a recuperação da história de Ginga traz para os afrodescendentes na atualidade:

A rainha Nzinga Mbandi representa, para os integrantes da diáspora no Brasil e no Caribe, a ligação mais profunda, seja ela espiritual, seja da memória afetiva, com a África, que para muitos de nós é uma pulsação firme no coração, é a cor da pele. A rainha é a presença mágica que nos mantém conectados com a África ancestral e nos impele a resistir a todas as adversidades impostas pelo mais de 500 anos de opressão e escravidão negra, e principalmente, nos faz orgulhosos de sabermos de nosso pertencimento a um continente que é o mais antigo deste planeta e que deu “à luz” a Humanidade, da forma como a conhecemos (BARBOSA, 2012, p. 151).

A partir da obra de Agualusa (2015) é possível notar que as várias representações construídas em torno da rainha guerreira dão uma visão das perspectivas, visões de mundo e sentimentos das pessoas que as criaram. As idas e vindas do Atlântico alimentaram a memória da Rainha Ginga e transformaram-na num símbolo de luta, desafio e libertação.

CONCLUSÃO

"A Rainha Ginga" de José Eduardo Agualusa apresenta uma abordagem complexa e profunda do conceito de memória. Através da narrativa envolvente e da caracterização vívida dos personagens, o autor nos leva a refletir sobre a importância da memória coletiva na construção da identidade de um povo e na compreensão de seu passado. Agualusa nos mostra que a memória não é apenas um mero registro do que aconteceu, mas sim um elemento vital que molda nosso presente e nosso futuro.

O estudo da Rainha Ginga, pode fornecer uma série de contribuições significativas tanto para a sociedade quanto para o meio acadêmico. Além disso, o estudo da Rainha

Ginga pode ajudar a desconstruir estereótipos e preconceitos sobre as mulheres africanas, destacando sua agência e influência política. Ao trazer à tona a história de uma mulher africana que desafiou as expectativas de gênero e liderou seu povo em tempos difíceis, a sociedade pode aprender a valorizar e reconhecer o papel das mulheres na construção de nações e na luta por justiça e igualdade. Portanto, o estudo da Rainha Ginga tem o potencial de abrir novas perspectivas e ampliar o conhecimento sobre a história africana, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e um meio acadêmico mais diversificado e abrangente.

A pesquisa se fez necessária devido à extrema relevância de estudar a figura da Rainha Ginga, também conhecida como Ana de Sousa Nzinga Mbande, que desempenhou um papel crucial na história de Angola e de todo o continente africano. Além disso, aprofundar o conhecimento sobre a Rainha Ginga permitiu desconstruir estereótipos e preconceitos enraizados na história africana, revelando a complexidade e a riqueza das sociedades africanas pré-coloniais. Portanto, é imprescindível que estudiosos, historiadores e todos aqueles interessados na história global dediquem sua atenção e empenho em pesquisar sobre esse personagem histórico tão importante.

Ao explorar a figura histórica da Rainha Ginga e entrelaçá-la com personagens contemporâneos, o autor nos convida a questionar o que é lembrado e o que é esquecido, e como isso afeta a maneira como nos entendemos e nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Em suma, "A Rainha Ginga" é uma obra que nos lembra da importância de preservar e valorizar nossa memória, pois é através dela que podemos aprender com o passado e construir um futuro mais consciente e significativo.

A pesquisa, porém, apresenta algumas limitações que devem ser consideradas para trabalhos futuros ainda não explorados. Primeiramente, é importante ressaltar a escassez de fontes primárias disponíveis sobre a vida e o reinado da Rainha Ginga. A maioria das informações existentes são baseadas em relatos de colonizadores europeus, o que pode resultar em uma perspectiva enviesada e incompleta.

Além disso, a falta de estudos aprofundados sobre a cultura e a sociedade do Reino de Ndongo, onde a Rainha Ginga governou, também dificulta a compreensão completa de seu legado. Para superar essas limitações, recomenda-se a realização de pesquisas interdisciplinares que incorporem fontes africanas e perspectivas indígenas, além de estudos arqueológicos e antropológicos para fornecer uma visão mais abrangente sobre a Rainha Ginga e seu impacto histórico.

Ademais, incentiva-se a investigação de aspectos menos explorados de seu

reinado, como sua política externa, seu papel na resistência à colonização europeia e sua influência na cultura e na identidade do povo Ndongo. Dessa forma, será possível obter uma compreensão mais completa e precisa da figura da Rainha Ginga e de seu legado na história africana.

REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José Eduardo. **A Rainha Ginga** – E de como os africanos inventaram o mundo. Ed. Rio de Janeiro: Foz, 2015.
- BARBOSA, Solange. O espírito da rainha Nzinga Mbandi no Brasil e no Caribe. In: MATA, Inocência (org.) Rainha Nzinga Mbandi. **História, Memória e Mito**. Lisboa, Edições Colibri, 2012.
- CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) Direitos humanos. Ed. Brasiliense, 1989.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CARVALHO, Silvio Almeida. **Angola: História, Nação e literatura (1975-1985)**. Curitiba: Editora Prismas, 2016.
- CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução de Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.
- DE LUNETTA, Avaetê; GUERRA, Rodrigues. MATEMÁTICA E SEUS PARADIGMAS: FORMAÇÃO DOCENTE E DESAFIOS FRENTE AO ENSINO MÉDIO. **Educere-Revista da Educação da UNIPAR**, v. 21, n. 2, 2021.
- DE LUNETTA, Avaetê et al. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE CLASSIFICAÇÃO DAS PESQUISAS CIENTÍFICAS. **Educere-Revista da Educação da UNIPAR**, v. 23, n. 1, p. 303-311, 2023.
- ELÍADE, Mírcea. **Mito e realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.
- FERNANDES, Frederico Garcia. Corpo-memória e a poética da resistência: apontamentos sobre literatura e performance na América Latina. In: BARBOSA, Sidney; SILVA-REIS, Dennys. (Org.). **Literatura e outras artes na América Latina**. Campinas: Pontes, 2019. p. 295-322.
- FERNANDES, Frederico Garcia. Dois corpos para um debate com o mundo: um ensaio sobre poesia e regimes da arte. **Tom Caderno de Ensaios UFPR**, v. 1, p. 48-65, 2016.
- FONSECA, Mariana Bracks. **Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora**. Orientadora Marina de Mello e Souza. Tese de Doutorado, USP. São Paulo, 2018.
- GUERRA, A. de L. e R. METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA E ACADÊMICA. **Revista OWL (OWL Journal)**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 149–159, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.8240361. Disponível em: <https://www.revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/48>. Acesso em: 21 ago. 2023.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão, et all. 1º Ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.
- NOGUEIRA, E. N. N. da C. e. A LEITURA COMO ATO CRIATIVO E CRIADOR: ALGUMAS EXPLORAÇÕES CONCEITUAIS E PEDAGÓGICAS. LUIS FERNANDO PORTELA; ANTONIO MARCOS SANSEVERINO; ADAUTO LOCATELLI TAUFER. **Revista OWL (OWL Journal)**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 194–196,

2023. DOI: 10.5281/zenodo.8267679. Disponível em:
<https://www.revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/51>. Acesso em: 5 set. 2023.

UNESCO. **Njinga a Mbande, Rainha do Ndongo e do Matamba**. Série UNESCO Mulheres na História de África. Iniciativa financiada pelo governo da República da Bulgária. Especialista da UNESCO responsável pelo projeto: Sasha Rubel. Publicado em 2014 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO). Disponível em:
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000230931/PDF/230931por.pdf.multi> Acesso em 20 jan. 2023.

ZUMTHOR, Paul. **Tradição e Esquecimento**. Trad. Jerusa Pires Ferreira & Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.